

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de
**A transferência da
tradição Clássica
entre Europa e
América Latina**

A pintura de paisagem gaúcha na Primeira República Análise de obras de Pedro Weingärtner e Libindo Ferrás

Prof. Dr. José Augusto Avancini
UFRGS/CNPq/CBHA

Resumo

O conjunto das obras de Pedro Weingärtner e Libindo Ferrás permitem um exame mais minucioso do grau de incorporação de modelos europeus de pintura de paisagem por esses dois pintores. Tentaremos aferir o grau de adesão de suas obras aos padrões acadêmicos vigentes então no país e na Europa, para podermos avaliar como adaptaram os modelos visuais europeus a um cenário nacional.

Nossos paisagistas mantiveram-se fiéis aos ensinamentos recebidos, com o predomínio entre nós de um realismo-acadêmico que se julgava continuador da tradição européia implantada aqui e garantida pelos estágios e estudos realizados na Europa.

Palavra Chave

Arte brasileira; pintura de paisagem; academismo

Abstract

The ensemble of Pedro Weingärtner and Libindo Ferrás' works allow a closer examination of the degree of incorporation of European models for landscape painting by these two painters. We will try to assess the degree of compliance of their work to academic standards then prevailing in the country and in Europe, so we can evaluate how the European visual patterns are adapted to a national scene. Our landscapists have remained faithful to the teaching received, with the prevalence among us of a realist academicism who was follower of the European tradition here established and secured for internships and studies in Europe.

Keywords

Brazilian art; Landscape painting; Academicism

Na obra de Pedro Weingärtner (1853-1929) a pintura de paisagem ocupa um lugar proeminente, seja por ela própria ou com suporte para cenas variadas, em especial as de gênero. Dedicou um bom número de obras ao tema paisagem, como ficou evidente com a grande exposição de sua obra em 2009/ 2010, que coletou um número apreciável de obras. E há um conjunto de trabalhos que tem o Rio Grande do Sul como temática. Dentre esses, se destaca as de temática gauchesca e alguns que seriam “pura” paisagem, onde a preocupação com a composição é visível na busca de um bom resultado plástico.

Seguindo a tradição verista, o pintor gaúcho pintou vários cenários locais com o agudo senso de exatidão, procurando fixar o que via com uma grande acuidade. Contudo também abordou a paisagem em grandes traços e zonas de cor, diminuindo a representação pormenorizada dos objetos e aspectos da paisagem, sem abandonar sua veia realista, mas dando um tratamento mais solto a pintura. Exemplo disso é a tela de 1918, intitulada Barra do Ribeiro, que recebeu esse tipo de tratamento plástico. A cena é construída em linha horizontal, como se o espectador estivesse atrás da menina que pesca com um caniço, tendo como companheiro um cão sentado. A água e o céu tomam conta de toda a tela marcando a duas áreas de maior interesse, entremeadas por uma faixa verde de mato e areia que baliza a separação entre as partes inferior e superior da tela.

Uma grande figueira se eleva sobre o mato e situa na lateral esquerda do quadro, formando o eixo vertical mais importante. Estando em paralelo com a menina de pé na beira do lago. Esses eixos acentuam a profundidade, pois se colocam em diferentes posições de proximidade do olho do espectador. A areia branca nos dois planos, intercalada pelo azul da água, encontra rebatimento na faixa de nuvens brancas num céu de intenso azul. A faixa verde da mata separa a areia das nuvens e emenda no canto superior esquerdo com a imagem difusa de morros já em tom azulado, para dar a distância e remeter a um plano recuado.

As cores são claras e os tons frios acentuam a tranquilidade da cena e aumentam a sensação de distância e profundidade. A massa da vegetação é tratada com realismo, mas sem detalhes, uma vez que está situada na linha horizontal que divide o quadro num ponto mais distante do olhar do espectador.

Outro elemento importante é as nuvens, agrupadas numa grande massa branca, que lembram cúmulos. Com duas mais altas e soltas no céu azul. As nuvens fazem contraponto com a vegetação e as areias e complementa a água pela idéia de leveza e movimento que passa ao espectador.

A presença humana é dada pela figura da menina, de costas a pescar tendo um cão ao lado, as figuras se integram na paisagem numa escala menor, sem, contudo, perderem a importância uma vez que baliza uma das linhas verticais do quadro. Elas estão muito bem integradas e em harmonia com o conjunto da tela. Toda a composição transmite uma sensação de tranquilidade, paz e harmonia evocando uma visão amena da paisagem, reforçando as qualidades de um cenário paradisíaco.

Na segunda tela de 1913, temos o predomínio da descrição quase minuciosa da paisagem. Todos os elementos são descritos com cuidado quase de miniaturista, numa iluminação quase zenital, deixando a mostra todos os elementos

do cenário, como a casa à esquerda da composição, em laranja claro e quente, cercada dos verdes da vegetação, e do azul e branco do céu.

Num primeiro plano vemos um capim ralo formando uma depressão no terreno dentro de uma grande elipse que realça o segundo plano mais elevado e dentro dele um segundo semi-círculo que destaca uma touceira de vegetação a lembrar cactos. No segundo plano, onde se situa a casa no canto médio à esquerda, temos a curva superior da elipse dirigindo o olhar para casa cercada de matos, e colocada num plano mais elevado, estando posicionada em diagonal junto com uma mancha de mato em posição enviesada em relação com os limites da tela e a linha horizontal do lago emoldurado por um conjunto de colinas distantes num azul diluído, encimada pelas nuvens brancas que acompanham essa linha que atravessa o quadro.

Acompanhando a margem do lago uma porção de mato que corre para a esquerda da composição é balizada por duas árvores colocadas como marcos demarcadores, uma bem à esquerda, cortada ao meio pelo limite da tela, e a outra à direita, entre o centro e a margem direita da tela. Essa grande árvore delimita o espaço que se abre para o lago e a margem de areia que o contorna até a extremidade da tela. É nesse espaço aberto que o pintor coloca as duas únicas figuras da composição, são duas mulheres que conversam a luz de sol forte, tendo suas sombras delineadas na areia, uma mais jovem e descalça de frente para o espectador e outra em perfil mais velha que depositou um cesto de verduras a seus pés.

As figuras são complementos secundários, na trilha da pintura de gênero, ao conjunto da composição, emolduradas que estão pela areia creme que se estende até a borda do lago, cuja linha demarcadora passa acima das cabeças das mulheres. A faixa azul do lago tendo nele refletido a sombra da nuvem branca, ressalta ainda mais a posição das figuras no canto inferior esquerdo da composição sem, contudo diminuir a importância da paisagem como tema dominante.

A tela tem uma composição bem urdida, onde cada parte se encaixa e complementa as outras. Novamente o resultado plástico evoca um lugar tranquilo, ensolarado e acolhedor nos remetendo ao pitoresco das cenas e a sua localização geográfica precisa, já que aponta não só pelo título com também pelo cenário as margens do lago Guaíba.

Barra do Ribeiro, indicada nos títulos, é uma localidade na margem ocidental sul do lago e lugar tradicional de pecuária com suas extensas fazendas. Hoje continua a ter como atividade econômica importante essa criação. A relativa proximidade dessa localidade de Porto Alegre facilitou as visitas que Pedro Weingärtner fez a região, tendo como resultado uma série de quadros que tem como cenário esse lugar.

Cenas a beira de um lago foram freqüentes na pintura ocidental desde o Renascimento, e ganharam maior destaque com o romantismo no século XIX, período que valorizou esse tipo de temática em variados tratamentos, uma vez que a pintura romântica atribuía sentidos e sentimentos humanos a paisagem, antropomorfizando-a, e criando telas com características que ora acenavam para o pitoresco, ora para o sublime, categorias estéticas do século XVIII que ordenavam a apreciação da paisagem criando dois tipos básicos de tratamento da pintura desse gênero. O primeiro associado ao característico, ao específico, ao

particular aos quais se associavam atributos de mistério, lembrando o jardim inglês em seu formato caótico e cheio de referências a outras culturas, como falsas ruínas, pagodes, obeliscos e elementos escultóricos ou arquitetônicos de povos remotos no tempo e no espaço. O segundo tipo buscava fixar o maravilhoso, o extraordinário como tempestades, avalanches, desastres de grande envergadura que despertassem sentimentos de medo, horror, ou de maravilhamento diante de fenômenos naturais, que encareciam a pequenez e fragilidade humana diante das forças da natureza.

As paisagens de Pedro Weingärtner se encaixariam na classificação do pitoresco, pois abordavam um cenário geográfico específico, complementado muitas vezes pela presença de personagens que atuavam como índices das obras, nos remetendo a paisagens específicas do lugar em que se inspiravam.

Seja na produção de paisagens e temas afins que fez na Europa, seja na produção que realizou no Brasil, Weingärtner sempre precisava a geografia do lugar, fixando todas as características do ambiente, permitindo com isso a pronta identificação da cena abordada. No geral reforçava a identificação com a presença humana característica do lugar, não deixando dúvidas quanto à localização a que se referia o quadro. Assim procedeu nos dois quadros examinados, nos quais fixou a paisagem característica do entorno ao Guaíba.

As obras de Libindo Ferrás (1877-1951) se associam as de Pedro Weingärtner por abordarem a temática da paisagem do lago e de fixarem uma paisagem conhecida e significativa para os gaúchos e em especial pelos porto-alegrenses, o Guaíba.

Selecionamos duas telas dos anos de 1920, em que Libindo fixou as águas calmas e tranqüilas que margeiam a cidade e seu entorno, como exemplo de seu apreço pelo tema. As telas são uma de 1918, sem título, e outra chamada Fim de Tarde no Guaíba de 1925. Ambas em pequenas dimensões, na técnica do óleo sobre tela. Era prática de Libindo pintar ao ar livre, disso ficou depoimento de alunos e fotografia de sua prática costumeira de se exercitar diante do natural. Como diretor e professor do Curso de Artes Plásticas do Instituto Livre de Belas Artes de Porto Alegre, entre 1910-1936, tinha como procedimento didático praticar a pintura diante do natural, levando os alunos em excursões pelos arredores da cidade. Com isso Libindo produziu um bom número de paisagens ao longo de sua vida ativa, principalmente em óleo e aquarela.

A tela de 1918, mostra as margens do lago com um pequeno barco ancorado, tendo um céu branco e violáceo, com nuvens cinzentas cerradas, deixando ver pedaços de céu. A linha do horizonte é baixa e mostra a margem oposta emoldurada por colinas tratadas em cor azulada, para acentuar a distância entre o primeiro plano e este em terceiro, mediados por um segundo, as águas do lago. Essas três faixas de cor e área organizam a tela, acentuando a horizontalidade e a relativa proximidade da cena diante do espectador colocado na primeira área ou plano. Como linhas verticais, temos uma árvore colocada à esquerda e o mastro do pequeno barco a direita. Essas linhas dão o enquadramento da zona central do quadro. Esta se abre para o lago e o fundo do terceiro plano, tendo como linha em movimento a posição do barco em diagonal dentro do espaço central.

No primeiro plano em tamanho maior e jogando com a proximidade do espectador, a estrada de terra que conduz o olhar para o lago, formando uma forma trapezoidal entre o limite inferior da tela e a margem do lago, é complementada por um caminho de terra na mesma cor da estrada à direita, acentuando o delineamento da margem, e reforçando com isso a horizontalidade do plano.

Tudo sugere calma e quietude, a natureza está como que parada, num intervalo de tempo que pode ser o amanhecer ou entardecer, momentos em tudo se aquieta e temos a sensação de perenidade. Contudo, o movimento está presente na forma que Libindo representou as nuvens. Elas estão em movimento e fazem um contraponto ao restante da paisagem. Movimento e repouso estão tensamente equilibrados na tela. Terra, água e céu se complementam e se correspondem, dando uma imagem de uma natureza harmoniosa.

O segundo quadro a ser examinado é um óleo, intitulado Fim de Tarde no Guaíba, de 1925. Tela de pequenas dimensões que alberga uma vista larga do lago e do entardecer.

Com menos elementos e atingindo uma síntese maior do que na tela anterior, procura centralizar a atenção do espectador no por do sol, e de seus efeitos na atmosfera e na paisagem. O pintor coloca a linha do horizonte na relação $1/3 - 2/3$ da altura da tela. Ela é preenchida com a vegetação ribeirinha abundante no conjunto de ilhas situadas entre o delta do rio Jacuí e o lago Guaíba. O único personagem da cena é um pequeno barco a remo que navega calmamente pelo lago transportando o que parece ser verduras para o abastecimento da cidade, fato comum na época, quando o rio Jacuí e o lago Guaíba eram usados como vias naturais de escoamento e comunicação entre diversas cidades e regiões.

A cor é o elemento dominante da composição, certamente pelo pintor procurar representar o por de sol, com seus variados efeitos e matizes de cor, ela varia do azul, quase violeta ao dourado refletido na água, passando pelos rosas e brancos do lago e do céu. O por de sol se abre num leque invertido com tons de dourado e rosa, invadindo o céu e dourando a água no espaço onde desliza o barco. O movimento da cor atinge e tingem o plano inferior e superior da tela, dando à composição o movimento necessário ao percurso que o olho faz na superfície do quadro, na representação de um instante irrepitível e fugaz como o de um por de sol, fenômeno meteorológico passageiro. O uso dos azuis acentua um tom de irrealidade e faz do por de sol um momento mágico e único da natureza e o desejo e o empenho em fixá-lo corresponde tanto a um elemento de sensibilidade, aguçada pela época romântica, como pelo fenômeno conhecido e comentado dos belos por de sóis sobre o Guaíba, que essa sensibilidade ajudou a valorizar até hoje. Um pouco do sublime se faz presente nessa pequena tela que mantém seu toque de pitoresco pela presença do pequeno barco, num cenário amplo onde a natureza domina soberana.

As quatro telas examinadas apresentam algumas características comuns, o verismo das obras de Weingärtner e da de Libindo de 1918, se contrapõe a tela de Libindo de 1925, de fatura mais solta, menos detalhista, tratando as zonas do quadro com grandes superfícies de cor. Entretanto o tema não é perdido e o título da tela é confirmado pela própria imagem que permite uma identificação com o sítio geográfico mencionado. Vemos nos trabalhos de Libindo uma pas-

sagem do registro mais verista para uma apreensão da imagem mais moderna, se aproximando dos pintores pós-impressionistas, no uso da cor como elemento estruturante da forma. Weingärtner tem seu estilo já fixado e a ele permanecerá fiel até o fim de sua vida. São duas gerações diferentes e que se sucederam no tempo e foram diferentemente marcadas pelas épocas e modas pelas quais passaram. Libindo ainda experimenta e realiza inovações, absorvendo parcimoniosamente as novidades vindas da Europa, Weingärtner se atém ao que apreendeu em seus estágios europeus e dentro da estrita tradição acadêmica do final do século XIX.

O grande motivo comum é o lago Guaíba e seu entorno, seja Barra do Ribeiro ou Porto Alegre, onde o tema além de fixar a imagem da terra é o da tradição poética do bucolismo que remete a Virgílio e as suas Geórgicas, é a busca do lugar ameno, da Arcádia tal como foi imaginada pelos poetas latinos. Um pouco, senão muito do jardim do Éden, do jardim paradisíaco, lugar onde se encontrava a harmonia perdida e se religava o artista e o espectador com uma totalidade já desfeita e atualizada pela visão poética dos artistas.



Barra do Ribeiro, 1913
Pedro Weingärtner
Óleo/ tela



Barra do Ribeiro, 1918
Pedro Weingärtner
Óleo/ tela



Fim de Tarde no Guaíba, 1925
Libindo Ferrás
Óleo/ tela



Sem título, 1918
Libindo Ferrás
Óleo/ tela